

40 ANOS DE MAIO DE 68

Mural Produzido em:
05/2008

Coordenação:
Aparecida Darc de Souza

Acadêmicos:
Alexandre R. Valcarenghi
Douglas Luis Wrasse
Fernando Chlad
Jéssica Aparecida Correa
Juliana Valentini
Karen Kraulich
Karen Renata Capelesso
Martha de Azevedo Piloto
Mauro Camargo Jr.
Rúbia Mara Tordiotto
Sandra Regina Ventura Popiolek

1968: ano da luta mundial contra-hegemônica

Aparecida Darc de Souza

O ano de 1968 marcou um evento histórico das lutas contra-hegemônicas, das lutas contra a ordem estabelecida no mundo contemporâneo. Neste mesmo ano, sem que houvesse qualquer planejamento, em todas as partes do mundo eclodiram movimentos de contestação protagonizados por todos aqueles que viviam sob a opressão, fosse ela cultural, racial, política, econômica, imperialista.

Na França a rebelião estudantil atingiu não apenas a política educacional do governo francês. Ao lado dos estudantes, mobilizaram-se também os trabalhadores por meio de greves, ocupações e fábricas lutando contra o modelo de exploração que obrigava os homens a trabalharem com máquinas.

No Brasil estudantes e trabalhadores lutavam contra o governo autoritário imposto pelos militares e seu compromisso com os interesses imperialistas.

No restante da América Latina – México, Argentina, El Salvador também foram deflagrados diversos movimentos de estudantes e operários.

Nos Estados Unidos, jovens e trabalhadores protestavam contra a Guerra dos EUA contra o Vietnã. Ao lado disso os movimentos pela ampliação dos direitos civis para a população negra atingia níveis violentos. Os grupos radicais como *Panteras Negras* ganharam grande adesão, principalmente após o assassinado do líder negro Martin Luter King.

No outro lado do mundo, em Tóquio, capital do Japão, estudantes lutaram contra a guerra promovida pelos EUA contra o Vietnã. Os estudantes realizaram uma marcha de 1200 Km protestando contra a escala de aviões norte-americanos a caminho do Vietnã.

A luta global que se realizou neste período trouxe para o centro do cenário político as massas exploradas e revelou sua capacidade de revolta e transformação. Esse é um significado do ano de 1968 que precisa ser lembrado, para que todos os acontecimentos que marcaram o final desta década sejam mais do que uma simples história do passado.

Maio de 68 na América Latina, os casos de México e Argentina

Alexandre R. Valcarenghi, Fernando Chlad

Na América Latina eclodiram revoltas como o Tlotelouco no México no mesmo ano do chamado “maio de 68” francês, o movimento mexicano começou com cerca de cinco mil estudantes secundaristas e universitários lutando por seus direitos, pedindo melhores condições para a educação, caminhando em direção a praça da Constituição, em 26 de julho de 68, onde o estado aciona o exercito para finalizar a manifestação, e usa da repressão e violência fazendo 200 prisões, 500 feridos e também se falou em oito mortos.

A partir daí, o que era somente um movimento de estudantes passa a se desenvolver e contar com a aderência de todas as classes da sociedade mexicana. Um mês após o início das manifestações, no dia 27 de agosto, o país já era palco de um movimento que arrastava pelas ruas 400 mil pessoas. Trabalhadores, estudantes, camponeses e a maioria da população, aproveitando o foco midiático que estava sendo dado ao México devido as Olimpíadas.

A repressão se intensificou no dia 18 de setembro, quando o governo autoriza a ocupação do Exército no campus da Unam (Universidade Autônoma do México) que era praticamente a sede das manifestações, espancando e prendendo inúmeros estudantes. Que não se calaram perante o ocorrido e intensificaram as manifestações, no dia 02 de outubro dez dias antes das Olimpíadas concentraram as manifestações com cerca de cinco mil estudantes, na *Plaza de las Tres Culturas* em Tlatelolco para uma manifestação pacífica, e ao por do sol, a polícia e o exercito com carros blindados e tanques começa a disparar contra a multidão, atingindo manifestante e moradores da região, a matança entrou noite adentro, deixando um numero incerto de mortos, calcula-se de 300 a 500 pessoas assassinadas.

Na Argentina, mais precisamente em Córdoba, ocorreu uma revolta legitimamente popular, que uniu estudantes, trabalhadores e a população em geral na luta contra a ditadura de Juan Carlos Onganía, revolta essa que viria a ser conhecida como o *Cordobazo*. Desde 1966, ano do golpe, os estudantes se digladiavam contra o governo ditatorial, que interveio nas práticas democráticas dentro das Universidades públicas, além é claro da repressão, como na “*noche de los bastones largos*”, quando a Polícia Federal expulsou a golpes de cassetete professores e estudantes da Universidade de Buenos Aires. Mas os estudantes não desistiram, continuando a lutarem, assim como o governo, sendo que em um dos conflitos com a polícia ocorre o assassinato do jovem Santiago Pampillón, estudante e trabalhador mecânico, que viria a se tornar símbolo da resistência estudantil.

Os trabalhadores, principal motor do *Cordobazo*, também estavam se organizando contra o

governo ditatorial, que desejava cercear seus direitos, assim como contra os grêmios e sindicatos “pelegos”, representados por Augusto Timoteo Vandor, que assumiam uma postura de colaboração com o regime. Através de uma Central de trabalhadores, a “*Confederación General del Trabajo de los Argentinos (CGTA)*”, os diversos sindicatos independentes se uniam na luta, assim como também se tornavam cada vez mais próximos do movimento estudantil. Com o clima de revolta espalhado em nível nacional, a Central dos trabalhadores conseguiu a aderência a uma greve geral de sindicatos de diversos posicionamentos políticos. Em Córdoba decidiu-se não apenas ampliar o período de greve, mas também realizar uma marcha, começando na fábrica da IKA-Renault e terminando na sede da *CGTA*, onde fariam um manifesto, auxiliado pelo secretário nacional da mesma, Raimundo Ongaro.

Na manhã do dia 29 de maio de 1969, os trabalhadores começaram sua marcha, encontrando o caminho principal bloqueado pela polícia, e decidindo então avançar pelos bairros, onde receberam auxílio da população na forma de paus, panelas e outros objetos que poderiam ser usados no enfrentamento com a polícia, e, em outras partes da cidade, trabalhadores e estudantes também se preparavam para marchar até a *CGTA*.

O assassinato do trabalhador Máximo Mena, nos confrontos com a polícia, levou os manifestantes a um estado de fúria, transformando a passeata em uma verdadeira revolta, e a polícia se viu incapaz de segura-los. A despeito da fúria, quando o incêndio causado nas oficinas de uma corporação ameaçaram se estender até outros prédios, os manifestantes acudiram os bombeiros, apagando o incêndio com um caminhão que a polícia utilizava para lançar água com corante sobre os manifestantes, após isso destruindo o veículo. A rebelião se estendeu noite adentro, e polícia, incapaz de conter a situação, deu lugar ao exercito, que derrubou o último reduto de resistência por volta das seis da tarde do dia 30, havendo um calculo impreciso que vai de 60 a 80 mortos, numerosos feridos e prisioneiros.

Apesar de tudo, a revolta mostrou seus resultados, ocorrendo uma profunda crise política que viria a demonstrar a fragilidade do regime, levando menos de um ano para a renúncia de Onganía, porém a Argentina só veria novamente a democracia em 1973. O mais importante, no entanto, foi o caráter popular da revolta, que uniu diversos setores da sociedade, na luta contra a repressão e a ditadura.

A revolta estudantil de maio de 68

Juliana Valentini e Douglas Luis Wrasse

A contestação e a revolta invocam a experimentação de uma nova forma de luta: O poder de dizer não.

Foi a partir dessa experiência que a juventude na década de 1960 provocou profundas transformações. Estudantes franceses com espírito de rebeldia questionavam todo o sistema vigente, o modo de vida burguês, as normas de comportamento estabelecidas pela sociedade, o governo e o sistema capitalista. Foi o despertar de consciência de uma geração que não aceita o mundo que lhe é legado, e que está ciente do seu papel de sujeito na sociedade.

Insatisfeitos e movidos pela vontade de transformar a suas próprias vidas os estudantes defendiam a ampliação da estrutura da universidade, que nos anos 60 já não eram suficiente para atender a crescente demanda de jovens pelo direito a cursar o ensino superior. Defendiam também as mudanças nas características na vida acadêmica, reivindicando maiores liberdades públicas e individuais.

No Brasil os movimentos estudantis ficaram conhecidos por suas idéias e ações, que ousavam criticar o regime autoritário instalados pelos militares desde o golpe de 64.

Em março de 68 após o assassinato de um estudante durante uma manifestação eclodiu uma grande revolta no Rio de Janeiro. Durante alguns dias a cidade virou um campo de batalha entre manifestantes e policiais. Entretanto o aumento da repressão violenta ganhou um efeito inesperado. A agitação estudantil alastrou-se pelo Brasil, com manifestações nas principais grandes capitais do país. Durante o trigésimo congresso da UNE muitos líderes estudantis foram presos, as passeatas e as mobilizações públicas começaram a refluir devido às prisões dos jovens que se tornavam cada vez mais constantes. A ação violenta Estado empurrou para a clandestinidade a oposição política feita pelo movimento estudantil ao governo autoritário imposto pelos militares a partir de 1964.

Nós estudantes, temos muito que aprender com aquela geração, pois ainda temos muito pelo que lutar. É preciso lutar nas universidades pela garantia de uma eleição democrática para reitores. É preciso lutar contra as incansáveis políticas que buscam privatizar o ensino público, representadas atualmente pelo Reuni e Prouni. É preciso lutar pelo direito ao trabalho, pois na atualidade a juventude pobre, principalmente aquela com formação universitária é a que mais sofre com o desemprego. É certo, porém que nossas dificuldades de mobilização são outras, pois na década de 1960 a UNE era um instrumento de organização dos estudantes, hoje ela mais se parece com órgão do Estado que apóia as políticas de reforma universitária. Mesmo assim, os estudantes começaram nos últimos anos a formar uma nova forma de organização política do movimento

desvinculada da tutela do Estado. Por meio da CONLUTE os estudantes têm procurado manter o espírito da experiência vivida de 1968, ou seja, o espírito da luta contra ordem estabelecida.

O 68 no Brasil: A luta dos operários

Jéssica Correa, Karen Capelesso, Martha Piloto

O ano de 1968 foi o um ano de ascensão dos movimentos sociais, estudantis e operários por todo o mundo. No Brasil não poderia ser diferente, em São Paulo temos exemplos claros da situação que a classe operária estava passando num contexto de ditadura militar.

Com o salário mínimo valendo apenas 43% do correspondente ao ano de 1957, os trabalhadores se encontravam submetidos a uma condição de extrema pobreza e opressão. Não era mais possível, para estes trabalhadores, permanecerem calados. Uma das demonstrações públicas da força do movimento foi a manifestação realizada na Praça da Sé, em São Paulo, no dia 1º de maio do ano de 1968. Exatamente no “dia dos trabalhadores” em uma ação articulada através dos sindicatos, os trabalhadores conseguiram “driblar” o primeiro de maio festivo planejado pelas elites. Transformaram a comemoração organizada pelo governo em um grande protesto, reunindo mais de 20.0000 trabalhadores para clamar por melhores condições de vida e trabalho.

As lutas dos operários de 1968 tinham como objetivo principal a conquista da liberdade sindical. Pois desde a criação da CLT (Consolidação das Leis de Trabalho) durante o governo de Getúlio Vargas só estavam autorizados a representar suas categorias os sindicatos vinculados ao Estado. Além da liberdade sindical, o movimento operário reivindicou a revogação da política de arrocho salarial do governo militar.

Mesmo com algumas dificuldades de mobilização, os operários de uma fábrica em Osasco iniciaram uma greve em 16 de julho arrastando-a para as outras cidades onde se encontravam mais fábricas, conseguindo reunir na mobilização mais de 5 mil operários. Porém, no segundo dia de greve, esses operários foram barrados pela repressão militar, muitos líderes sindicais foram presos e os que conseguiram escapar tiveram que cair na clandestinidade.

É preciso lembrar que o Estado em 68 era caracterizado pela repressão aos movimentos sociais, utilizando de intensa violência no intuito de desarticular qualquer mobilização social como a greve operária, por exemplo.

Mesmo assim com toda a repressão, a greve prosseguiu por mais duas semanas, com seus líderes presos, quem tomou a frente das negociações foram alguns padres e a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil). Com a greve, os operários conseguiram um aumento nos seus salários de 23%, indenizações aos operários que haviam sido despedidos por causa da mobilização e promessa de que não seria mais despedido nenhum trabalhador grevista.

Pode-se dizer que esta insurreição fora muito localizada e não teve articulação com outras categorias populares, como os estudantes, o que impediu um desdobramento maior desse protesto

operário. Porém, não podemos deixar de ressaltar a capacidade de organização para esse levante que deixou seu marco na história brasileira e que até hoje, é motivo de inspiração para a luta dos trabalhadores e experiência para os trabalhadores e movimentos sociais atuais, podendo apreender que a maior força é a força conjunta com todas as categorias que estejam dispostas a lutar e obter vitórias maiores para a toda a classe operária.

Maio de 68 e mídia

Mauro Camargo Júnior e Sandra Popiolek

A discussão acerca de maio de 68 na mídia não é muito constante. Nesse último mês de maio um dos poucos meios de comunicação impressa que lembrou esse fato histórico foi a *Folha de São Paulo*. No *Caderno Mais*, uma série de textos com opiniões de alguns músicos e intelectuais de várias áreas abordaram vários aspectos do movimento como arte, filosofia, cinema e política.

Nestes artigos do *Caderno Mais*, pode-se perceber um derrotismo por parte dos colunistas. Em coro seus artigos realçam a idéia de *maio de 1968* é um evento do passado negando qualquer relação entre as lutas sociais desenvolvidas no presente os horizontes abertos pelas manifestações realizadas no final da década de 1960.

Essa negação sugere que hoje não há possibilidade de mudança social e, deste ponto de vista, enfraquece a memória do movimento e as lutas que este evoca. A repercussão e a representatividade da memória do movimento também têm sido descaracterizadas por parte do governo francês. Nicolas Sarkozy, atual presidente da França, apresentando-se como um ex-participante deste movimento, declarou 1968 não deixou qualquer vestígio de herança no presente. Outro exemplo disso é a entrevista com Cohn-Bendit, um dos líderes do movimento de maio de 68 e que hoje é um dos Deputados do Parlamento Europeu publicada na última página do *Caderno Mais*. Na entrevista ele enfatiza a questão de que o movimento foi uma mobilização não planejada e que o momento foi propício para isso, e que hoje ele percebe uma acomodação da juventude que não pensa em mudar sua realidade e apenas em conseguir um bom emprego, uma boa casa e constituir família. Evidencia ainda que os momentos são únicos e por isso maio de 68 não deve ser visto como modelo.

Este é o tipo de lembrança esta que tem se construída pela grande imprensa. O objetivo é falar do movimento é passado e que nenhuma relação guarda com o presente. É inegável, porém que as conquistas dessa geração repercutem até hoje. Os movimentos desencadeados em 1968 tiveram força política de mobilização capaz de modificar desde aspectos cotidianos da vida de estudantes até provocar a queda de governos ditatoriais como foi o caso de Charles de Gaulle, na França. Estas conquistas são nossa herança e sua força transformadora nossa maior inspiração.

Cinzas de Maio

Rúbia Mara Tordiotto, Karen Kraulich

O espírito de 68 não foi motivado por crises econômicas capitalistas, mesmo porque na época o capitalismo estava em seu auge. Nem resumia-se a revoltas contra o governo e rebeliões nas ruas. Ao espírito de 69 correspondiam os ideais de esperanças utópicas, sonhos de liberdade, enfim, interesses mais concretos do que simplesmente a imagem de jovens reivindicando coisas sem nexos, como muitos devem acreditar.

Destes movimentos tornaram-se comuns novos métodos de ação política que não se restringia somente aos partidos, mas também envolviam as massas. Todas as formas de dominação eram contestadas fosse na vida cotidiana, fossem nas escolas, na política ou qualquer outro meio que levasse as pessoas a uma forma de submissão dos interesses individualistas aos interesses do Estado.

Hoje, muitos daqueles jovens revolucionários tornaram-se conformistas com a situação imposta pela sociedade do capital. A imagem destes jovens questionadores como adultos conformados leva muitos a pensar que não há meios de mudar o sistema, que não há esperança.

Porém o mais importante a ser lembrado daquela década é o espírito juvenil da luta por algo em que se acredita da possibilidade de sonhar e lutar pelo impossível e imponderável. Não se trata de reviver o passado, retomar os sonhos daquela geração, pois a história não volta atrás, ela não se repete. Hoje somos outros e certamente nossos problemas não são os mesmos que foram vividos na década de 1960. Trata-se na verdade de compreender que as mudanças relacionadas às novas formas de ação política democráticas e coletivas, o espírito crítico a ordem estabelecida formam a maior herança de maio de 1968.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LOPEZ, Luis R. “1968: ou como a política invadiu a cultura”. In HOLZAMAN, L e PADRÓS, E. 1968: contestação e utopia. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2003, p.91-100.
- SOUZA, Susana Bleil. “América Latina: insurreição, resistência e repressão: o México rebelde e o Uruguai da transição.” In HOLZAMAN, L e PADRÓS, E. 1968: contestação e utopia. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2003, p.67-79.
- BLANCO, F. “1969: El Cordobazo argentino”. In HOLZAMAN, L e PADRÓS, E. 1968: contestação e utopia. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2003, p.80- 90.
- MAESTRI, M. “Brasil, 1968: o assalto às nuvens” In PONGE, Robert. 1968 o ano das muitas primaveras. Porto Alegre, Unidade Editorial, 2003, p.83-92.
- PESAVENTO, S. Brasil: a cultura da resistência. In HOLZAMAN, L e PADRÓS, E. 1968: contestação e utopia. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2003, p.27-33.
- MOREIRA, Marcio Alves. 68 mudou o mundo: explosão dos sonhos libertários e a guinada conservadora num ano que valeu por décadas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993. Capítulo V, p.71-83.
- CRUZ, Diego. 1o de maio de luta em São Paulo relembra 1968. www.pstu.org.br/movimento
- BERGER, Cristina. “1968: quando a direita bateu continência e a esquerda radicalizou – tudo sob os holofotes da imprensa”. In PONGE, Robert. 1968 o ano das muitas primaveras. Porto Alegre, Unidade Editorial, 2003, p.93-102.
- BERGER, Cristina. “Imprensa, poder e contestação: ontem e hoje.” In HOLZAMAN, L e PADRÓS, E. 1968: contestação e utopia. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2003, p.53-66.
- Caderno + Mais. Maio Despedaçado. Jornal Folha de São Paulo, domingo, 4/5/2008.
- RIBEIRO, Luiz D.T. “1968 no mundo”. In PONGE, Robert. 1968 o ano das muitas primaveras. Porto Alegre, Unidade Editorial, 2003, p.19-30.
- PONGE, R. “Maio de 1968: um mês que abalou a França.” In PONGE, Robert. 1968 o ano das muitas primaveras. Porto Alegre, Unidade Editorial, 2003, p.31-39.
- LOWY, M. O romantismo revolucionário de maio de 68. Textos retirado da Revista Espaço Acadêmico Lik:http://www.espacoacademico.com.br/084/84esp_lowyp.html
- Virgínia Fontes. Sempre maio: de 1968 a 1998. Texto retirado do link <http://www.ifcs.ufrj.br/humanas/0012.html>
- Osvaldo Coggiola, Artigo 1968: O ano revolucionário. Extraído em 06 de Junho <http://www.conlutas.org.br>.